

ANTHROPOLÓGICAS PODCAST

ESTÉTICAS E POLÍTICAS NO CAMPO PÚBLICO

Alex Vailati¹

Francisco Sá Barreto²

Hugo Menezes Neto³

Situação

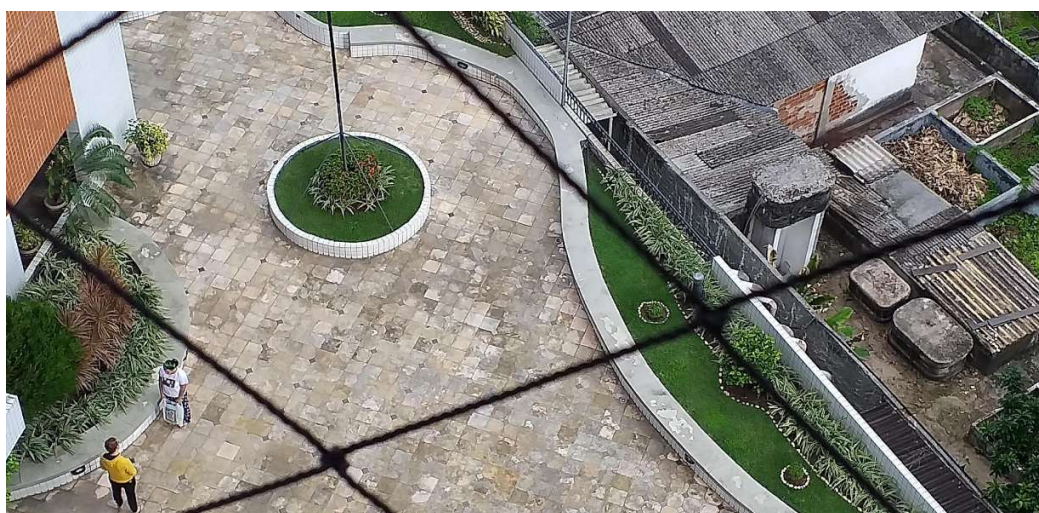


Figura 1. Imagem da janela do quarto de casa, de Alex Vailati, utilizado para as gravações. Autoria. Alex Vailati

Essa é uma das imagens que me situa e projeta mais um olhar sobre os primeiros meses da quarentena: a vista do quarto onde eu gravava os programas de podcast sobre a pandemia da Covid-19. Há barreiras, redes, muros e um distanciamento entre dois sujeitos que ocupam uma pequena parte da imagem. O resto é vazio. Considero essa imagem um

¹ Universidade Federal de Pernambuco, Brasil. E-mail: alex.vailati@ufpe.br
ORCID id: <https://orcid.org/0000-0002-4851-4815>

² Universidade Federal de Pernambuco, Brasil. E-mail: francisco.bsantos@ufpe.br
ORCID id: <https://orcid.org/0000-0001-6659-7047>

³ Universidade Federal de Pernambuco, Brasil. E-mail: hugo.menezesnt@ufpe.br
ORCID id: <https://orcid.org/0000-0002-0902-9649>

interessante sujeito, sua interpretação pode dizer muito sobre a subjetividade do(a) leitor(a) e, em particular, sobre a construção do seu olhar. Será que o olhar dele(a) aponta sobre a rede preta em primeiro plano? Ou sobre as várias camadas de concreto que constroem este espaço? Ou sobre os canteiros de flores, que são as poucas partes da imagem que tem uma carga cromática? Enfim, será que o olhar do(a) leitor(a) aponta para os dois sujeitos, aparentemente parados, a uma distância aproximada de dois metros entre si? Em tempo de testes virtuais veiculados pelas mais populares redes sociais, às vezes perdemos a noção de como uma imagem pode ser perspectivada e lida de diferentes formas. A simplicidade do quadro encenado descreve complexamente a minha relação com os materiais que se projetam como novos nesses tempos, ainda que estivessem lá antes.

Por outro lado, a imagem propõe uma situação, entendida aqui seja como um dos meus posicionamentos em um específico espaço social, ou como uma disposição para realizar uma ação. Encontramos na imagem um prédio com um amplo espaço dedicado ao lazer e à sociabilidade, que mostra um grau de manutenção muito alto, considerando o enredo e o cuidado com a vegetação. Ao lado, há um espaço que parece abandonado, sem manutenção. Entre os dois, reconheço barreiras e muros. O ponto de vista é alto, atrás de uma janela protegida por uma rede. Novamente será o olhar do(a) leitor(a) a nos dizer mais sobre o autor. Todavia, a imagem sugere um autor de um bairro de camada média alta, de uma cidade de médio ou grande porte. A qualidade da imagem é baixa, mostrando ruídos produzidos pelo zoom de baixa qualidade da câmera do meu celular.

A imagem é um índice muito interessante para problematizar a experiência dos podcasts, tratando-se de material sensível, que é produzido e circulado através de uma determinada infraestrutura e que assume formas também específicas. A imagem é produzida através de tecnologias de baixo custo, e num contexto relacional que isola os sujeitos e impede a aproximação entre eles, tanto quanto o podcast. O olhar da janela era, naquele momento, durante a pandemia da Covid-19, o único contato não virtual com algo que não pertencia às nossas subjetividades. No mesmo sentido, os podcasts produzidos incorporam uma situação similar: são produções emergenciais realizadas num contexto de isolamento

social e com meios tecnológicos parcialmente improvisados. Quando postos em perspectiva, esses programas gravados nas casas dos entrevistadores e dos(as) entrevistados(as) podem revelar ao ouvinte um ponto de vista sobre a experiência pandêmica, intimidades domésticas e subjetividades elaboradas pelos envolvidos no curso maior crise de saúde mundial das últimas décadas.

Este texto visa, então, analisar a experiência de produção de podcast como específica infraestrutura e os formatos diversos os quais ela permite produzir. Infraestrutura é uma categoria que na última década foi objeto de um amplo debate antropológico (Appel, Anand, Gupta, 2013, 2018; De Boeck, 2013; Hoffman, 2017; Larkin, 2004, 2008, 2020; Xiang, Lindquist, 2014; Vailati, D'Andrea, 2020), que permitiu incorporar a análise sobre as mídias e as plataformas virtuais com dimensão mais formal ou sensível dos conteúdos que são produzidos através destes meios. Esta análise permite ver como esses conteúdos são resultado de interações, muitas vezes não previsíveis, entre o aparato sociotécnico e as subjetividades envolvidas. O podcast que aqui analisamos é evidentemente uma forma estética, que foi produzida somente em resultado da plataformização dos eventos acadêmicos, em grande medida, um efeito da pandemia. Foram produzidos 30 programas da série, entre os meses de abril e agosto de 2020, e contamos com 45 convidados(as), em sua maioria antropólogos, que concederam entrevistas aos autores deste artigo em encontros online, todos em suas casas, falando das mais diferentes cidades do Brasil e também de outros países. Esta heterogeneidade de atores, que aceitaram participar nos podcast por motivações diferentes e particulares é um primeiro dado importante de análise, que foi possibilitado pela afirmação desta nova infraestrutura de produção.

Todavia, na nossa análise, a infraestrutura abrange, além das plataformas virtuais e dos protagonistas mobilizados, a materialidade do dia a dia, as casas, a presença de familiares, que quase automaticamente se tornaram parte das dinâmicas produtivas. Se uma gravação de áudio normalmente é analisada partindo dos conteúdos das falas, nesta análise iremos abordar em primeiro lugar a dimensão estética tentando entender como ela se relaciona ao projeto inicial do podcast que teve a evidente finalidade política de construir conteúdos urgentemente procurados no começo das quarentenas no Brasil; temas diretamente ligados à pandemia. Utilizamos aqui o conceito de “estética política” entendida como “a maneira que a estética, amplamente concebida, estabelece uma força política capacitando e

contestando vários tipos de autoridade que circulam no mundo”⁴ (Larkin, 2018: 175). Não estamos, portanto, falando de análise da representação que o podcast propõem, mas de algo que “sutura o material e o figural, mostrando como ambos estão engajados em uma constante troca recíproca”⁵ (Larkin, 2018: 177). O objetivo é tornar visível, como no caso da imagem que abre este texto, ou audível, como no caso do podcasts aqui analisados, uma específica racionalidade política que é premissa para qualquer forma que possa ser produzida, através de um específico conjunto sociotécnico. Essa análise é relevante, pois considera que a infraestrutura capaz de possibilitar a produção dos podcasts aqui analisados é a mesma utilizada, de modo privilegiado, para a produção de conhecimento sobre a crise ligada à pandemia em contextos de quarentena.

As gravações foram realizadas remotamente entre os meses de abril a outubro de 2020, envolvendo um ou mais convidados, especialistas em temas previamente escolhidos, e a mediação dos três autores deste artigo. A dinâmica dos programas pautava-se na produção de um diálogo que figuraria, por sua estrutura informal, entre uma entrevista e uma conversa⁶. Exploramos a experiência de gravação em algumas situações emblemáticas para construir as análises a seguir.

Ruídos públicos

Cena etnográfica no 1. Os protagonistas dos podcasts

Era 17 de abril de 2020. Nos reunimos para gravar o programa cujo título seria “Sofrimento psíquico em tempos de COVID-19”. Antes de iniciarmos a gravação, eu apresentei as características do processo ao convidado. Insisti na ideia de que os ruídos seriam esteticamente incorporados e que o formato pensado para a série previa que alguns problemas técnicos deveriam ser compreendidos como estruturas do projeto. O convidado perguntou se o ventilador incomodava o registro e insistimos que não era um grande

⁴ Tradução nossa de “the way that aesthetics, broadly conceived, establishes a political force enabling and contesting various kinds of authority that circulate in the world”.

⁵ Tradução nossa de “sutures the material and the figural, showing how both are engaged in a constant reciprocal exchange”.

⁶ A série *Antropológicas* faz parte do projeto de extensão Museológicas Podcast, do Departamento de Antropologia e Museologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco. A série está disponível nas principais plataformas de podcast e foi amplamente divulgada por meio das redes sociais do referido projeto.

problema. As gravações de um programa quando todos os participantes estão *online* inevitavelmente incluem diversos ruídos de fundo: ventiladores, trânsito, campainhas de telefones, vozes de familiares entre outros. Esse é um detalhe que muitas vezes ficou secundário para a audiência, pois, quando possível era retirado na edição ou mesmo minimizado diante do fluxo da conversa que fica em primeiro plano. Eu insistia: as principais protagonistas das gravações são as vozes dos convidados e dos organizadores, e os temas que são colocados numa linguagem verbal. O ruído, entenderia desde já, não seria exatamente um recurso, mas um dispositivo atuante na construção da série; em algum aspecto, passaria a pautar parte das conversas. Depois de registrado, o convidado estranhou a presença dos sons do ventilador, sugerindo que a gente utilizasse algum *plug-in* para redução de ruídos, o que fizemos. Havia um incômodo que aquela estrutura não podia superar: não era o som do ventilador, exatamente. Ele estava lá, mas o incômodo dizia respeito às novas formas da reunião, jeitos reconstruídos de viabilizar e habilitar o ambiente de debate com o qual já estávamos acostumados. Nos meses seguintes, minhas aulas, as reuniões de departamento, a burocracia universitária, tudo seria organizado a partir dessas disposições técnico-estéticas que produziriam esse tipo novo de ruído como elemento mais recorrente e quase imperceptível dos podcasts, dos debates, das cadeiras de associação que a série elaborava.

A noção de ruído é particularmente interessante para introduzir essa experiência. Os podcasts são gravados por meio de plataformas de videoconferência, num contexto de forte instabilidade das conexões telemáticas, provavelmente devido a uma possível sobrecarga. Todos os integrantes da equipe e os convidados conversam remotamente nas residências onde estão transcorrendo a própria quarentena. O equipamento utilizado normalmente é um computador comum ou um celular e um fone de ouvido. Além disso, os participantes não possuem, geralmente, competências específicas para realizar gravações de maior qualidade. Todas estas características da infraestrutura de produção, impõem uma estética que se distancia da “perfeição”, entendida aqui como um arbitrário parâmetro técnico que o mercado das telecomunicações estabelece e reifica.

No entanto, o ruído é considerado, aqui, como um exemplo de “perfeição”, no sentido que materializa em modo exemplar as incertezas ligadas ao contexto pandêmico. Encontramos ruídos não simplesmente no fundo das falas, mas também nas mesmas palavras que, continuamente, nos podcasts, demandam o esforço de recalibrar um conhecimento científico acumulado em décadas para propor leituras inteligíveis da pandemia e dos seus possíveis desdobramentos, em momentos de forte comprometimento emocional, com a crise em curso. A mesma palavra utilizada para descrever este tipo de transmissões, “em *streaming*”, remete na língua inglesa a um fluxo de água que corre numa direção predeterminada. A forma de conversa gravada, até agora tão incomum, em contextos acadêmicos, remete à ideia de fluxo, que incorpora barulhos, mas também emoções e uma maior presença das subjetividades dos participantes, que estão literalmente expondo, em vários casos a desconhecidos, a própria casa e as próprias dúvidas sobre o contexto atual.

Cena etnográfica no. 2. A casa, o jantar, as comunidades linguísticas, as pontes contemporâneas.

São quatro e trinta e três da tarde do dia vinte de Abril de 2020. Acabei de abrir a sala virtual "onde" conversaremos, dentro de vinte e sete minutos, se tudo der certo, com Saskia Sassen, socióloga globalmente conhecida. No "zap", convido Daniel⁷ a se apressar a entrar na sala a fim de que ajustemos os últimos detalhes da entrevista. "Vou logo iniciar a gravação. O tempo aqui parece bom e vou aproveitar a boa conexão", afirmo sem perceber que cruzo duas dimensões aparentemente desconexas de tempo e espaço: o virtual está absolutamente cruzado pelo não-virtual e os espaços de casa estão digitalizados por uma nova rotina: encontros materializados de outras maneiras, pouco habituais ao fazer cotidiano de nosso ofício, mas, aparentemente, mais próximos do comum do que imaginamos. Alex conecta, Daniel responde "oi oi, 'tô' entrando". Sassen se atrasa e entra na sala enquanto brincávamos com o tema da pontualidade holandesa. São pouco mais de oito da noite em Londres. Aqui em Recife, chega a fome do fim de tarde. Lá, o sociólogo Richard Sennett, marido da Saskia, prepara o jantar enquanto ela nos responde sobre expulsões na cidade contemporânea, sofisticadas formas de exclusão e novas pontes como expressão das conexões virtuais

⁷ Daniel de Souza Leão Vieira, professor do Departamento de Antropologia e Museologia da UFPE, apresentador do programa gravado com Saskia Sassen.

enquanto sofisticadas ferramentas de conexão. Saskia avisa que não pode demorar tanto; Richard aparece para dar "oi"; Bella, minha companheira, corre eufórica para ver Sennett. Estávamos todos uns nas casas dos outros; compartilhamos, naquele momento específico, sentidos novos de moradia que expressavam limites óbvios da divisão clássica entre público, privado e íntimo, tendo a casa e a rua como referências insuficientes em tempos digitalizados, em tempos de pandemia.



Figura 2. Estação de trabalho, na casa de Francisco Sá Barreto. Autoria Francisco Sá Barreto

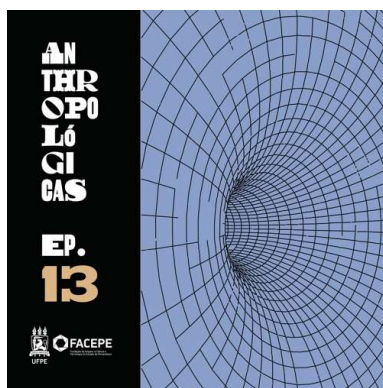
As esferas públicas estão remontadas pelas difíceis experiências, eventualmente sem janelas físicas, de solidariedade e intimidade pública, a partir das conexões virtuais para (re)produzir o ambiente universitário/acadêmico. Uma estrutura nova parece em desenvolvimento para demandar também novos formatos para uma política dos encontros, condição fundamental para a vida coletiva dentro ou fora das universidades. Não somente os podcasts, mas intensamente a reclusão, o isolamento, produziram condições paradoxais de acesso. É o que poderíamos chamar de novas pontes de acesso. A partir delas, não somente um sem número de pesquisadores têm estado disponíveis para as conferências e entrevistas

remotas, mas a circulação dos podcasts se ampliou vertiginosamente. Aparentemente, não se trata de uma substituição de plataformas tradicionais de encontro e produção de conhecimento acadêmico, mas de adesões a novos suportes de comunicação. Novamente, nesse caso, as experiências da vida em casa, com seus mais diversos suportes, parece ter ganho formas novas também no consumo de podcasts, *lives*, cursos *online* etc. São cruzamentos complexos, novamente, de sentidos para o mundo da rua e o mundo da casa, fazendo ser ainda mais dinâmicas nossas relações com "coisas de casa" ou "coisas da rua".

Outra gravação, vinte e quatro de abril de 2020. A sala virtual estava aberta e Lília Schwarcz entrou pontualmente. Era possível ver que em sua sala havia muitos livros, uma mesa de trabalho, o computador usado para a reunião e uma garrafa de coca-cola pela metade. Francisco, que nunca havia falado com nossa convidada, pontuou o gosto comum pelo refrigerante sem maiores formalidades: "... já nos entendemos; devia ter aberto uma coca também...". Lília sorriu e rapidamente se lançou na conversa sobre o novo lugar a ser ocupado pelos professores e pesquisadores, disse: "nosso momento tem dessas coisas, não é? [...] o fato é que todo um mundo novo digital está aí para ser ocupado e, desde 2018, decidi que preciso ocupar esses espaços...". Ela se referia às eleições presidenciais e a uma tarefa política que passa por novas compreensões político-estruturais: a internet vive também dos conteúdos antes aparentemente restritos aos muros da universidade. Lília tinha 150 mil seguidores no Instagram em Abril de 2020, e insistiu inclusive naquele podcast sobre a exigência dos cientistas sociais de se tornar intelectuais "públicos". Em meados de julho de 2021, então, ela alcançou 314 mil seguidores, um reflexo de seu movimento de ocupar as redes sociais produzindo conteúdos críticos e politizados. A convidada parece compreender bem como essas novas infraestruturas operam novas alternativas para comunicação do conhecimento científico-acadêmico, mas não só; funcionam como espaços de exposição de um pesquisador que, segundo Schwarcz, "... não pode deixar de se manifestar". A casa, enquanto zona de privilégio, converteu-se também em destacado lugar de manifestação pública da vida política. Trata-se da digitalização da experiência política, intensamente impulsionada pelas redes sociais digitais e uma cena política marcada pelo desenvolvimento de novas formas de mobilização pública, ainda que muito recorrentemente associadas aos tradicionais usos da rua (Benzaquen & Sá Barreti, 2013; Sá Barreto & Medeiros, 2020). Nesse caso específico, Schwarcz compreende as mídias digitais como recurso infraestrutural a partir do qual ela

dobra o lugar da casa como restrito às esferas da intimidade e lhe potencializa politicamente a partir da adoção de traços do público. Essa exposição, obviamente, lhe rende prejuízos. Um ativismo de ruídos digitais, contudo, parece demandar um conjunto de riscos que modificou as formas do trabalho acadêmico da convidada.

Cena etnográfica no 3 - Sobre interferências, empatia e identificação

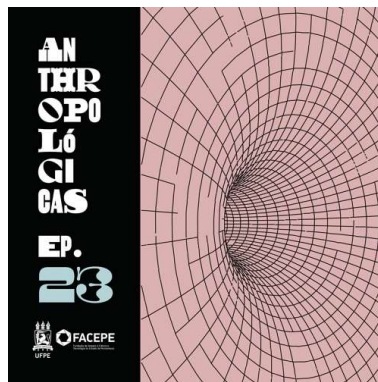


Audio 1. Extracto do Podcast gravado com Elaine Muller.

O argumento central do programa gravado em maio de 2020, com a antropóloga Elaine Muller, da Universidade Federal de Pernambuco, pauta-se nas dificuldades de conciliar maternidade e trabalho na pandemia, especialmente para as "mães soltas", como ela classificou aquelas que detêm a guarda e cuidam sozinhas de seus filhos, precisando dar conta do seu trabalho, do ensino remoto das crianças, e da dinâmica da vida doméstica. Depois de sete minutos de gravação, no momento em que ela respondia sobre as mudanças no curso da vida saindo da infância à "vida adulta", tema de sua tese de doutorado, foi interpelada por um de seus três filhos, parou e falou: "Eu agora fiz uma pausa porque meu filho acabou de fazer um comentário aqui. Ele disse que nunca vai crescer. Eu estou com eles em casa, então, isso pode acontecer outras vezes, a interferência aqui no meu pensamento". A ideia de interferência de Elaine é sofisticada, uma vez que o comentário de seu filho não fugia ao debate trazido naquele momento do programa ela o aproveitou para falar dos "desafios de crescer". Logo, a "interferência" do contexto doméstico pode não ser uma mera interrupção, uma rasura ou quebra, mas sim uma parte constitutiva da própria reflexão. A interferência pode ser dialógica e colaborativa. Nesse caso específico, muito recorrentemente está presente na própria ideia de produção acadêmica entre as mulheres e projetada como um problema

por uma leitura patriarcal e apressada. A interferência em questão sugere o ruído como instrumento de multitarefa muito comum à sobrecarga de trabalho entre as mulheres, porém, mais que isso, à disposição para organizar sistemas de conhecimento a partir de encruzilhadas de sentido, de significados atravessados ora por uma ciência crítica de si mesma, ora pela indiscernibilidade das tradicionais dicotomias estruturantes das ciências sociais: indivíduo e sociedade, cultura e natureza, público e privado etc.

Na sequência, porém, Elaine foi solicitada por sua filha, fez uma pausa para resolver rapidamente a demanda da caçula e voltou tentando recuperar o fio da meada de seu raciocínio, não antes sem apontar a recorrência dessa cena na realidade do trabalho remoto de muitas mulheres como ela e que precisam cuidar dos filhos em casa enquanto trabalham. Dessa vez, uma interrupção de fato, mas que, se não foi matéria para a reflexão, se converteu em um dado empírico plenamente conectado com o tema da conversa. O podcast, portanto, registrou uma dinâmica familiar que, por sua natureza etnográfica, foi mobilizada a serviço da reflexão antropológica no ato da gravação. As interferências e as interrupções são formas de integração compulsória das dimensões da casa e do trabalho, nesse caso, se transformam ainda em comprovações etnográficas do argumento da professora, oferecendo ao público uma experiência imediata da associação entre teoria e prática.



Audio 2. Extracto do Podcast gravado com Keila Simpson

Em julho de 2020, na entrevista para o programa com Keila Simpson, presidente da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), a plataforma pela qual gravávamos o diálogo captou a música que animava a festa na laje dos seus vizinhos em plena pandemia. O som inevitavelmente fez parte da gravação, ora mais baixo, ora mais alto.

Enquanto Keila procurava o melhor lugar da sua casa para gravar, onde o barulho da festa, segundo ela, "atrapalhasse menos", falava sobre a dificuldade de parte das pessoas da periferia das grandes cidades em fazer o isolamento social corretamente, por necessidade financeira ou por subestimar a gravidade da pandemia. A música alta e o barulho das conversas entusiasmadas interferiam na fala da convidada, pareciam ratificar seu argumento, e a periferia na qual ela mora, em Salvador (Bahia), naquele momento da gravação se apresentava como exemplo paradigmático da baixa adesão ao isolamento social. O ambiente externo à casa da convidada ao mesmo tempo é a sua realidade cotidiana e a comprovação da plausibilidade de suas análises. A vizinhança e seus ruídos passam a ser mais um componente da gravação, estendendo, inclusive, o alcance de nossa participação no ambiente particular, familiar e social de Keila, inclusive, para além dos muros de sua casa.

O podcast no período de isolamento social é gravado no encontro de vários ambientes domésticos (dos três entrevistadores e dos/as convidados/as), logo, são apenas relativamente controlados, sujeitos às interferências e interrupções que podem revelar particularidades das casas e das vidas dos entrevistados e do seu entorno. O destino dessa produção gravada e editada em casa, contudo, é o espaço público. Essa rota da circulação de conteúdos turva os limites clássicos do público e do privado e redimensiona os resultados de uma entrevista acadêmica, oferecendo mais conteúdos para a análise. O/a ouvinte atento/a que escuta os filhos da professoras de Elaine Muller brincando na sala, ou o funk na laje do vizinho de Keila Simpson, se aproxima compulsoriamente do ambiente doméstico delas que, por sua vez, agenciam as experiências de interferência e interrupção em suas próprias reflexões. A infraestrutura torna possível colocar a conversa em perspectiva, a estética com poucos cortes, premissa dos programas desse projeto, expõe e contextualiza os participantes em suas ambiências privadas e impacta todos os participantes. Nos incomodamos com a música alta que irrompe a casa de Keila sem a sua autorização, nos indignamos com o desrespeito às normas de segurança sanitária por parte dos membros de sua comunidade que finda por colocá-la em risco, desenvolvemos empatia pela dificuldade das “mães solas”, nos termos que Elaine Muller analisa, em conciliar o trabalho acadêmico e o cuidado com a casa e com os filhos no contexto da pandemia. Portanto, o podcast não se resume ao diálogo direto entre interlocutores na construção de conteúdos analíticos, não é forjado de um encontro asséptico e no ambiente isolado. Os programas mobilizam subjetividades, sentimos empatia e

produzimos identificação com as questões postas porque elas aparecem acompanhadas pela empiria, por exemplos paradigmáticos dos temas em pauta.

Conclusões

O Museológicas Podcast é um programa de extensão desenvolvido por professores e estudantes do Departamento de Antropologia e Museologia da UFPE. O projeto, que abrigou a série *Anthropológicas*, funciona desde maio de 2019, quando lançamos o primeiro programa. Entre aquele mês e o dia primeiro de março de 2020, foram 2008 reproduções, distribuídas nos então 16 programas do projeto. O Museológicas estava hospedado no SoundCloud.com até janeiro de 2021 - agora estamos baseados no Anchor.fm -, que nos fornece uma grande variedade de dados sobre circulação e reprodução dos programas. Com a instalação da quarentena e isolamento social no Brasil, passamos a ofertar mais programas, com temas, em muito, voltados para o debate sobre a Covid-19 em diversos aspectos, envolvendo, como citamos, uma multiplicidade de campos de saberes, científicos, predominantemente, mas não exclusivamente. Entre 2 de março e 20 de julho, quando ainda escrevíamos este trabalho, foram 5.217 reproduções para novos 42 programas. A série *Anthropológicas*, objeto que mais nos interessa aqui, é responsável por boa parte deles. Cinco dos dez programas mais ouvidos do projeto são da série, que, ao todo, soma 3822 reproduções em 27 programas. Os cinco programas mais reproduzidos somam 1902. A intenção da apresentação desses dados não é discutir a ampla circulação desses conteúdos, principalmente quando comparados com os chamados *digital influencers*, mas entender que significados são apreensíveis a partir da ampliação dos cliques e da circulação de um tipo de programa voltado, quase totalmente, ao público universitário.

O projeto tem sua ampla maioria das reproduções baseadas no Brasil (75%, aproximadamente). Os demais 25% se distribuem por 54 diferentes países, com destaque para França, Estados Unidos e Portugal. No Brasil, sendo um projeto oriundo da UFPE, 23% das reproduções são do Recife (1714). Rio de Janeiro (593), São Paulo (281), Salvador (255), Porto Alegre (225), Paris-FRA (222), Fortaleza (189), Brasília (173), Goiânia (152) e Belo Horizonte (143) completam a lista das 10 cidades que mais ouvem programas do projeto. Ainda destacaria a presença de Lisboa-POR e Jacarta-IND entre as 50 principais cidades.

Entre as dez primeiras, falamos de três cidades nordestinas, três do Sudeste, duas do centro-oeste, uma do Sul e uma estrangeira. Esses dados demonstram uma circulação em todo território brasileiro, notadamente quando os entrevistados - também convidados das mais diversas universidades brasileiras - eram oriundos dessas cidades. Talvez a melhor exceção dessas observações sejam, fundamentalmente, os programas que mais circularam: o terceiro (Jean Segata) e o sétimo (Lília Schwarcz), ambos com grande número de reproduções distribuídas em todo o território e com número percentualmente mais modesto em Recife.

Tanto na série *Anthropológicas* quanto nos demais programas do projeto, a circulação dos conteúdos tem acessado cidades sem *campus* universitário, bem como centros menos destacados na produção das ciências sociais no Brasil, configurando-se enquanto dispositivo potencialmente promissor para comunicação científica, mas não somente. Durante a pandemia, manteve minimamente conexões entre atores muito diversos, ora nos programas em si, ora no perfil geográfico de sua audiência, o que nos permite inferir a respeito de uma complexa apreensão da dimensão de público em tempos de pandemia. O público pode vir a ser um conjunto difuso e pouco controlável de arquivos digitais, articulando casas e ruas em cidades grandes e pequenas e classes sociais diversas. Essa característica sempre orientou o projeto, que entende o conjunto de produtos também como um arquivo a ser consultado por ouvintes interessados nos assuntos, não necessariamente quando da publicação dos programas.

Os programas de maior circulação refletem a presença de convidados/as mais "digitalmente articulados/as", aparentemente conseguindo fazer circular mais o próprio programa, esforço além daquele que já fazemos para a divulgação dele. O que significa ou pode vir a significar uma ainda maior circulação do material publicado? Se, por um lado, os processos de circulação do conhecimento incorporam dinâmicas típicas da *click economy*, não podemos negar, por outro lado, que esses processos permitem abranger maior público e democratizar ainda mais os conteúdos das ciências sociais no Brasil. Esse dilema claramente surge da nossa experiência com os podcast e se inscreve de modo pontual no debate sobre etnografia multimodal, entendida aqui como um uso de uma específica infraestrutura, a qual permite produzir formas específicas, e que, ao mesmo tempo, possibilita uma análise crítica da infraestrutura utilizada.

Enfim, refletindo sobre o foco desta discussão, ou seja, a dimensão de produção sensível dos podcasts, as cenas descritas mostram o potencial para produzir mais do que boas análises antropológicas deste tipo de meio num campo pandêmico e determinado pelo isolamento social. Aquilo que pode vir a parecer um ruído no trabalho acadêmico clássico, ou seja, a entrada nas análises propostas da dimensão privada e afetiva dos sujeitos envolvidos, nos mostra como a dimensão pública está atravessada por e na exposição dos sujeitos, de suas intimidades e subjetividades. Podemos pensar que essas infraestruturas na pandemia, momento em que as videoconferências foram um dos recursos mais explorados, possibilitaram uma exposição dos(as) participantes que dificilmente seria atingida nos encontros presenciais em ambientes “da rua” e no contexto “normal”, no qual as produções não nos colocam, por exemplo, dentro das casas e dos problemas de vizinhança daqueles com os quais construímos trabalhos e entrevistamos. Neste sentido, é através de uma específica estética política, resultado de uma sutura entre a infraestrutura de produção e as formas produzidas, que foram criados novos tipos de autoridades públicas (Borofky, De Lauri, 2019) que ocupam os novos e concorridos espaços de visibilidade da virtualidade.

Neste artigo observamos reconfigurações na produção do conhecimento científico, tanto quanto como as novas infraestruturas de produção deles borram as ideias de público e privado. Permanecemos atentos, por conseguinte, ao que representa também a promessa de um novo papel da academia no momento pós pandêmico, no qual provavelmente a virtualidade terá maior espaço. Dificilmente, em um momento de circulação "normal" de pessoas e conteúdos acadêmicos destacaríamos a robustez desses novos formatos de encontros e sua ancoragem em infraestruturas outras. As análises propostas neste artigo, portanto, são fundamentais para estudar alguns efeitos das mudanças na dimensão pública da antropologia e mais amplamente das ciências sociais, pensando não apenas como essas áreas se reconfiguraram no período pandêmico, mas, especialmente, em algumas diretrizes que provavelmente serão fundantes de um arco temporal que já parece ter começado.

REFERÊNCIAS

ANAND, Nikhil, AKHIL Gupta, and Hannah APPEL, (Orgs). *The Promise of Infrastructure*. Durham. Duke University Press, 2018.

ANAND, Nikhil, AKHIL Gupta, and Hannah APPEL. Introduction: The Infrastructure Toolbox. *Society for Cultural Anthropology*. Accessed 30 March 2020. <https://culanth.org/fieldsights/introduction-the-infrastructure-toolbox>

BENZAQUEN, Júlia; SÁ BARRETO, Francisco. A mão dupla da rua: a ambivalência da “nova resistência” ou elementos para uma outra gramática da mobilização. Recife: *Revista Estudos de Sociologia* (PPGS/UFPE), 2013.

BOROFSKY, Robert, and Antonio DE LAURI. *Public Anthropology in Changing Times*. *Public Anthropologist* 1, 1, 2019.

COLLINS, Samuel Gerald, Matthew DURINGTON, and Harjant GILL. *Multimodality: An Invitation: Multimodal Anthropologies*. *American Anthropologist* 119, 1, 2017.

DE BOECK, Filip, Sierra BAINBRIDGE, *Afritecture: Bauen mit der Gemeinschaft*. Ostfildern: Hatje Cantz, 2013.

HOFFMANN, Danny. *Monrovia Modern: Urban Form and Political Imagination in Liberia*. Durham: Duke University Press, 2017.

LARKIN, Brian. *Degraded Images, Distorted Sounds: Nigerian Video and the Infrastructure of Piracy*. *Public Culture* 16, no. 2, 2004.

LARKIN, Brian. *Signal and Noise: Media, Infrastructure, and Urban Culture in Nigeria*. Duke University Press, 2008.

LARKIN, Brian. Políticas e Poéticas da Infraestrutura. *Revista Antropológicas*, no. 31, 2, 2020.

LARKIN, Brian, Promising Forms: The Political Aesthetics of Infrastructure, in ANAND, Nikhil, AKHIL Gupta, and Hannah APPEL, (Orgs). *The Promise of Infrastructure*. Durham. Duke University Press, 2018.

SÁ BARRETO, Francisco e MEDEIROS, Izabella. Limites e possibilidades de agências digitais para outras urbanidades possíveis - o caso do grupo de direitos urbanos em Recife, Pernambuco. *Revista Direito e Práxis*, 11, 1, 2020.

VAILATI, Alex; D'ANDREA, Anthony. Antropologia da Infraestrutura no Brasil: Desafios teóricos e metodológicos em contextos emergentes. *Revista Antropológicas*, no. 31, 2, 2020.

XIANG, Biao, and Johan LINDQUIST. Migration Infrastructure. *International Migration Review* 48, no. 1, 2014.

Recebido: 02/02/2021

Aprovado: 26/02/2021